

BRILHURA E CAIOBA**Domitilo de Andrade** [Poeta e Cordelista]

Aquela última caioba foi a que me memorizou. Dela nem me desfiz nem me desfaço. Nem que eu conseguisse desmemoriar.

O avô de lado de mãe era campônio. Campônio e caiobeiro. Vai que lá depois quando eu cheguei aos cinco eu descobri que ele era brilhureiro.

Também. Acho que de foi de me avisar. Brilhou pra mim. Chegava o tempo. De me soltar. Dele de se soltar de mim.

Eu gostava mais do caiobeiro. Mas entendi que seguir brilhurado era mais importante pra mim.

O brilhureiro que nasceu no fim sabia mais de mim. Meu vô era sábio porque não tinha sapiência. Ele só era possessivo de imaginação. E transfundia. 'Inda bem que ele só transfundia pros netos. Os de mais de cinco nem imaginavam que ali estava um dotô de caioba e brilhura. Eu nunca soube dele caiobar ou brilhar pra alguém com mais de cinco. Mais tarde até pesquisei do assunto com a mãe o pai os tios as tias.

Ninguém nunca sabidamente soube da caiobice e da brilhurice de meu avô. Achei engraçado. Verdade só pros de menos de cinco.

Com cinco tive pena dos adultizados. Eles jamais saberiam. E eu se crescesse descaioberia ou desbrilhuraria? Tormento infantil descabido. Caiobei pra sempre. Mas sempre brilhurado. Brilhei pra sempre caiobado. Talvez que o vô fosse secreto de adulto por não ser de sapiência.

Até os cinco era lá que eu morava. Na caioba. Mas só quando eu estava sozinho com o vô.

Quando vinha a irmã a prima o primo e os de menos de cinco vinha de lá a brilhura. A caioba tinha parede. A brilhura não tinha fundo.

Cabia todo mundo. No banco de pedra só cabia o vô. No chão do ardeado cabia quem mais houvesse. Mas só com menos de cinco.

Quando era de mais de gente o vô ficava animado e apontava pra brilhura. Se o céu estivesse cinza do tipo que vai chover ele ficava sem graça.

Ele desbrilhurava mas tinha vergonha de caiobar. Até hoje tenho dúvida se ele só caiobava pra mim. Eu e ele. Ele e eu.

Pra mim ele caiobava garboso. Triste e garboso. Mas vai que tinha outro de menos de cinco que sentava com ele sozinho.

Será que ele caiobava? Nunca saberei. Nem ele me contaria.

Eu que já estava tão acostumado com a caiobagem nem dava de muita bola pra brilharagem.

Meu avô era muito avergonhado da falta de sapiência com a previsão do tempo.

Mas quando o céu 'tava azul. As nuvens dançando. Os pássaros orquestrando. Ele se animava. Só eu que nem tanto.

Cada criança respondia. Tudo que ele apontava com aquela mão do tamanho de uma pá.

Com o dedo do tamanho de uma foice tudo virava brilhura no céu azul. O horizonte emoldurado de moldura.

Estou vendo estou vendo estou vendo. Era a algarra brilhurenta. Pirulito de jaboticaba. Sorvete de arroz com amendoim. Agora eu vi.

Coração apaixonado andando a cavalo. Eu vi eu vi. Passarinho de chapéu. Beija-flor de cueca.

Papai Noel sorridente no caminhar de presentes. Estou vendo. Estou vendo. Cegonha com bebê no bico. Olha as duas tartarugas dançando.

Olha o jacaré escovando os dentes. Vovô eu vi. Eu até via. Mas ficava quieto querendo a caioba. Na brilhura era só alegria. Pipoca gigante.

Doce de algodão. Cebola de gravata. Palhaço beijando leão. Girafa coçando as costas. Elefante tirando meca que coisa feia.

A brilhura era de uma risadaria só. O circo a ciranda o pique a carniça o carrossel das nuvens e todas as cores.

.....

Eu e ele. A caioba chove num chove. Poucas cores todas escuras. O sol cinza o céu cinza as nuvens cinza.

Na caioba meus olhos cinza. E o do vô. A criança morrendo de fome e o urubu ardeado. A mãe chorando o filho que virou anjo.

O soldado indo pra guerra sem sentido pra matar e ser matado. O homem rico chicoteando o pobre.

O camponês cansado muito de cansado mexendo na terra pra dar de comer aos filhos.

Cada caioba era uma aula de mundo até quando eu tinha cinco anos. Chegou a hora. Ele e eu na brilhura. Vô 'tá sol.

Essa brilhura é sua. Ele disse. E eu gostei. E ele falou como nunca antes tinha falado tanto.

Olha meu neto. Você é uma criança mas tem a chance de brilhar o mundo com os olhos caiobentos da injustiça.

Veja as caras sorridentes das nuvens. São as pessoas cantando e dançando num mundo de paz. Veja as cores das pessoas.

Negras brancas amarelas vermelhas. Um arco íris humano dançando harmonizado em harmonia. Veja as árvores e os animais brincando de roda.

A natureza toda dançando e cantando juntas. Olha ali que não há guerra. Não há chicotes dos ricos contra os pobres. Não há escravo.

Nem mulher apanhando de ômi covarde acovardado quando apanha.

A caioba que eu te dava era pra você se indignar.

Você sabe que se indignar é ficar triste e caiobado com a desigualdade entre as pessoas e lutar contra isso.

Agora você está pronto. Vovô vai descansar. Cansei de caiobar. Agora só vou brilhar.

O banco de pedra ficou vazio. Fiquei olhando aquele meu velhinho andando devagar.

E pensei. Também agora só vou brilhar e lutar contra isso.

■ ■ ■